



Um lugar visageiro: notas para um mapa etnográfico no Centro Histórico de São Luís (Maranhão)

A Haunted Place: Notes for an Ethnographic Map of the Historic Center of São Luís, Maranhão

Gabriela Lages Gonçalves¹

PPGAS-USP

gabylages12@usp.br – <https://orcid.org/0000-0002-9940-7630>

Resumo

O Centro Histórico de São Luís, no estado do Maranhão, apresenta uma extensa área tombada e reconhecida como Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO. Entre ruas e casarões, há um conjunto de narrativas que retratam as visagens — ou seja, manifestações percebidas de diversas maneiras, incluindo toques, vultos, cheiros, aparições e outras formas de manifestação — e são facilmente compartilhadas pelas pessoas que convivem com o local. Desde 2016, tenho realizado pesquisas no bairro da Praia Grande, reconhecido como berço turístico da área central da cidade, tendo como a maioria dos meus interlocutores vigilantes de museus. Neste texto, busca-se cartografar as diferentes histórias de visagens registradas em um mesmo espaço, atravessando múltiplas temporalidades. O objetivo é provocar reflexões sobre essas presenças, entendidas como testemunhas e reminiscências do passado, que carregam e revelam memórias ocultas no tempo e no lugar.

Palavras-chave: patrimônio. visagens. casarões.

Abstract

The Historic Center of São Luís, in the state of Maranhão, features an extensive landmarked area recognized as a UNESCO World Heritage site. Among its streets and historic mansions, there is a set of narratives portraying *visagens* — that is, manifestations perceived in various ways, including touch, shadows, scents, apparitions, and other forms of presence — which are easily shared by those who inhabit or frequent the area. Since 2016, I have conducted research in the Praia Grande neighborhood, recognized as the touristic heart of the city's central district, with museum security guards as my primary interlocutors. This text seeks to map the different stories of *visagens* recorded within the same space, crossing multiple temporalities. The objective is to provoke reflections on these presences, understood as witnesses and reminiscences of the past that carry and reveal memories hidden in time and place.

Keywords: heritage. *visagens*. historic mansions.

¹ É doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS-USP). Possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

1. INTRODUÇÃO

Neste texto, apresento notas sobre a pesquisa que tenho desenvolvido em São Luís, capital do Maranhão, especificamente na área composta por ruas e casarões históricos provenientes do período de colonização portuguesa. Conforme o Guia Turístico Cultural de São Luís (2024), o primeiro tombamento da área foi em 1974 pelo IPHAN², seguido de um tombamento estadual em 1986 — reconhecimento que se consolida com o título de Patrimônio da Humanidade pela UNESCO em 1997. O conjunto arquitetônico da cidade é composto por um número significativo de imóveis que abrigam residências, além de serem usados por instituições públicas, hotéis e pousadas e equipamentos culturais, como museus e teatros. Desde 2016, realizo pesquisas no bairro da Praia Grande (Gonçalves, 2019; 2019a; 2023) — região turística à beira-mar e cenário de manifestações culturais como o Bumba-meu-boi, o Tambor de Crioula e outras festas públicas.

Meus interesses estão voltados para a relação desse lugar com as visagens, que, além de estarem presentes em histórias, literaturas e lendas populares, são parte da experiência de muitas pessoas cotidianamente. Tenho questionado o que essas presenças — vozes, aparições, cheiros e toques/ações em pessoas ou espaços — mobilizam na vida cotidiana, com foco nos efeitos que elas provocam. As visagens assumiam diferentes formas nos casarões: eram pessoas, em sua maioria mulheres jovens e crianças, mas também homens negros; eram rostos desfigurados, criaturas "quase humanas"; assumiam a forma de animais ou meios de transporte, como cavalos, sapos coloridos ou carruagens. Podiam, ainda, assumir a forma de substâncias, como fogo, fumaça e vento, ou de fragrâncias, como rosas, lírios e pólvora. Em muitos relatos, vocalizavam: falavam, sussurravam, sopravam, espirravam e tossiam. Além disso, as visagens impulsionavam ações em objetos: manuseavam interruptores, acionavam elevadores, apertavam botões, digitavam em teclados, derrubavam e empurravam diversas coisas e Tateavam em diversas texturas, como madeira, vidro e paredes. Por fim, podiam acessar os corpos dos humanos por meio de toques, olhares, alterações de temperatura, vertigem, tontura, calafrios e demais experiências sensoriais.

Dediquei-me a estabelecer uma interlocução com os vigilantes de museus, que me permitiram obter um mapa de encontros e conexões cruzadas entre pessoas que não se conheciam, mas que haviam sentido visagens nos mesmos lugares em tempos diferentes. Convoco, neste texto, uma tentativa de registrá-las ao longo do tempo e dos espaços por meio da interlocução que tive com os vigilantes de museus.

Tenho inspiração na perspectiva proposta por Ruy Blanes e Diana Espírito Santo (2014), que repudia as pesquisas com entidades espirituais que buscam dizer a verdade. Assim como os autores, penso que as entidades são sentidas de diferentes formas, entre o tangível e o invisível, produzindo efeitos nas experiências particulares entre pessoas,

² Na dissertação de Abigail Vale Rocha (2025), constam dados atualizados segundo material elaborado pela Fundação Municipal de Patrimônio Histórico (FUMPH): “o tombamento federal instituído em 1974 abrange 1357 imóveis, enquanto o tombamento estadual, realizado em 1986, engloba 4.620 imóveis. Esse conjunto ocupa cerca de 220 hectares, abrangendo os bairros da Praia Grande, Desterro, Ribeirão, Santo Antônio, Remédios e Centro, estendendo-se até o Canto da Fabril” (Rocha, 2025, p. 16).

lugares, sensações e memórias. Nas palavras dos autores: "Estes objetos, animais ou pessoas tornam-se agentes de forma que não só afeta a vida social, mas também são afetados mutuamente" (tradução livre; Blanes; Espírito Santo, 2014, p. 16). Nessa perspectiva, delinear uma antropologia dos invisíveis partiria da análise dos efeitos que os seres interceptam com o mundo social (Moura Melo, 2016, p. 9), visto suas diversas formas de materializações, participações e composições de suas presenças. Conforme propõe Aline Torres (2020), a partir da etnografia com os Mistérios na República Dominicana, é necessário "considerar as práticas que possibilitam a materialização dos espíritos" (Torres, 2020, p. 358). No caso de São Luís, as visagens estão evidentemente materializadas nos casarões que remetem a configurações sociais de sofrimento decorrentes da escravização de povos africanos no Maranhão colonial³.

2. UMA VACA-FANTASMA NA RUA DE SÃO PANTALEÃO



Imagem 1 – Jornal O Combate. Fonte: Hemeroteca Digital (1955).

Para todos verem: imagem de um recorte de um jornal datado do ano de 1995, trazendo uma matéria em destaque “Uma vaca-fantasma na rua de São Pantaleão”.

Em 24 de março de 1955, o jornal *O Combate* (Imagem 1) estampou em sua primeira página a notícia do aparecimento de uma vaca-fantasma que estaria assombrando os moradores do Centro Histórico de São Luís. Um homem que se dirigia ao Hospital Geral

³ As visagens podem ser entendidas como vestígios, resíduos de memórias ambíguas sobre a cidade (Sharpe, 2023; Guimarães; Castro; Marques, 2025). Parto da ideia de que as visagens provocam narrativas patrimoniais ligadas à identidade ludovicense — nos termos de Guimarães, Castro e Marques (2025), elas transbordam as narrativas oficiais e trazem contestações aos silenciamentos das memórias históricas. Nesse caso, estão diretamente relacionadas a uma crítica à romantização dos sobrados oriundos da colonização portuguesa. A noção de vestígio, presente na obra de Christina Sharpe (2023), contribui para pensar as visagens como parte do *continuum* estético colonial, na medida em que remete às configurações entre escravocratas e escravizados — comumente presentificadas pelas visagens elaboradas por meus interlocutores.

da cidade avistou uma vaca de tamanho normal pastando na encruzilhada da Rua São Pantaleão com a Travessa do Monteiro. A reportagem completa:

O fenômeno está causando verdadeira assombração aos moradores daquela rua, em virtude de já ter sido visto por pessoas de responsabilidade. O nosso informante contou-nos que precisara ontem à noite de ir ao Pronto Socorro afim de pedir ao médico de plantão um remédio para um de seus filhos que se encontrava acometido de cólica hepática e ao passar na rua de São Pantaleão canto com a Travessa do Monteiro viu uma vaca em tamanho normal que se aproximava dele. Procurou o pedreiro José Candido da Silva a enxotar o animal e para espanto seu a leiteira cresceu astronomicamente e o pobre homem ficou trêmulo e sentiu faltar-lhe as pernas. Constatou que se tratava de coisa do outro mundo e só depois de alguns minutos viu o animalejo desaparecer em correria tomando a direção do Hospital Geral. Adiantou-nos nosso entrevistado que foi ao Pronto Socorro e só regressou à sua casa depois que chamou um carro de praça para levá-lo a sua residência, à rua Casemiro Junior” (Jornal O Combate, 24 de março de 1955).⁴

Apesar de nenhum dos meus interlocutores ter avistado uma vaca-fantasma, estive nas proximidades da mesma rua conversando com moradores sobre visagens. Algumas mulheres que apareciam nos quintais, vozes que sussurravam nomes e vultos passageiros eram os casos mais relatados. Ao descobrir essa manchete de jornal, foi inevitável não lembrar da lenda popular sobre a serpente encantada que dorme enrolada sobre a ilha de São Luís.

A estória se passa em três pontos do Centro Histórico: a cauda, abaixo da Igreja de São Pantaleão; a cabeça, abaixo da Fonte do Ribeirão; e a barriga, abaixo da Igreja do Carmo. Conta-se que o corpo da serpente cresce ao longo dos anos e que, quando sua cabeça encontrar a cauda, a Ilha de São Luís afundará. Sua presença está relacionada ao caminho das galerias subterrâneas⁵ que existem no Centro Histórico da cidade, onde dizem que ela já teria sido vista ou ouvida.

Os vigilantes e moradores do centro me contaram sobre as visagens de uma escola estadual localizada em frente à Igreja de São Pantaleão (onde estaria a cauda da serpente). A escola, fundada em 1937, foi construída sobre um antigo "cemitério dos ingleses"⁶, lugar onde comandantes de navios, diplomatas e comerciantes ingleses eram enterrados no século XIX. Em 2018, ouvi de uma ex-professora da escola sobre as constantes menções de seus alunos sobre as visagens nas salas de aula — presenças que eram associadas aos resquícios materiais de lápides.

⁴ Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=763705&pesq=assombra%C3%A7%C3%A3o&hf=memoria.bn.br&pagfis=25521>

⁵ As galerias subterrâneas são motivo de dúvidas por parte de pesquisadores; especula-se que tenham surgido para o escoamento das águas. Porém, elas possuem diversas associações: desde rotas de fuga do período colonial, passagens para os padres irem de uma igreja a outra, ou ainda a presença da Serpente Encantada.

⁶ Houve uma breve migração inglesa em São Luís no século XIX; os migrantes construíram suas próprias igrejas, casas e cemitérios. O cemitério abaixo da escola Sotero dos Reis possuía 242 corpos enterrados; as lápides podiam ser vistas com nitidez até a década de 70. Mais dados em: <https://www.educacao.ma.gov.br/reforma-do-ce-sotero-dos-reis-representatividade-a-comunidade-escolar-e-respeito-a-historia-de-sao-luis/> e <https://www.youtube.com/watch?v=tH9xsvsl4OY>.

A vaca-fantasma noticiada no jornal estabelece outra relação da rua com o bovino. No dia 29 de junho, Dia de São Pedro, a madrugada na Rua de São Pantaleão é tomada por grupos de Bumba-meu-boi nas proximidades da Casa das Minas-Jeje⁷ [3]. Nessa noite, vários bois bordados são animados pelos miolos, entoados por pandeirões e matracas. Eles descem toda a rua para chegar à Capela de São Pedro.

Em minha pesquisa, as histórias que cercam o centro são usadas como ponto de partida, sendo uma das mais famosas a da carruagem de Ana Jansen. Donana Jansen, como também era chamada, se tornou imortalizada pela história de sua carruagem, que passeia pelas ruas do centro da cidade sendo puxada por homens negros com cabeças de fogo. Constantemente ela é mencionada quando converso com moradores próximos ao Convento das Mercês [1], pois dizem que a tal carruagem era vista na Rua da Palma. No livro de Jomar Moraes (1999), há uma descrição sobre o mito:

Reza a tradição que os notívagos da cidade, ao pressentirem a aproximação do horrendo coche, fugiam aterrorizados, à procura de um lugar em que pudessem abrigar-se com segurança. Se assim não fizessem, estariam sujeitos a receber da alma pensada de Dona Ana Jansen ou Donana, como popularmente chamada, uma vela acesa que amanheceria transformada em osso de defunto. A carruagem, puxada por cavalos decapitados e tendo na função de cocheiro um escravo igualmente decapitado e com o corpo sangrando de monstruosas sevícias, produz, por onde passa, horripilantes sons, combinação do atrito de velhas e gastas ferragens com o coro de lamentações de escravos em estertor (Moraes, 1999, p. 79).

Dentre os vigilantes, Ana Jansen é recorrentemente lembrada como uma "visagem famosa", como uma presença enraizada nas ruas históricas. Ela é facilmente associada à violência colonial e aos casarões, visto que os poços são narrados como um cemitério de corpos violentados. As vias do Centro Histórico evocam a presença da aristocrata, que habitou três amplas residências legadas por ela, que ainda hoje mantêm seu nome.

A partir das narrativas sobre um centro habitado por diversas presenças — a serpente adormecida, a carruagem de Ana Jansen, as visagens de um antigo cemitério ou a vaca-fantasma noticiada —, abre-se precedente para narrar as visagens que acompanham os turnos de trabalho nos casarões. Nesse sentido, há uma composição de saberes em jogo, alguns pertencentes à oralidade e outros à convivência. Ambos se cruzam nas ruas e nos sobrados por meio da circulação das próprias pessoas que convivem com o centro. Primeiramente, devido às trocas de turnos e à cobertura de férias feitas pelos vigilantes da mesma empresa, a circulação de pessoas por diferentes casarões criava um repertório de histórias, experiências e conhecimento sensorial sobre as visagens. Dessa forma, eles se tornam conhecedores de diversos casarões que abrigam museus, capelas e teatros na área

⁷ Terreiro de Tambor de Mina localizado na Rua de São Pantaleão, estima-se que seja o terreiro mais antigo de Tambor de Mina do Brasil. Tem documento oficial de fundação datado de 1840, tendo como fundadora Ná Agontimé, antiga rainha do Reino do Daomé; para mais informações, consultar Judith Gleason (2022). De acordo com Ferreti (1997), no Tambor de Mina maranhense, "são cultuados voduns e orixás (africanos), gentis (nobres associados a orixás ou entidades africanas com nomes brasileiros) e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros)" (Ferreti, 1997).

tombada. Não era incomum eu conhecer vigilantes que já tinham estado no mesmo lugar e tido experiências semelhantes com as visagens, como abordarei a seguir.

3. UM PERFUME NA RUA DO SOL

O Museu Histórico e Artístico do Maranhão (MHAM), também conhecido como Solar Gomes de Souza, localizado na Rua do Sol, é uma construção de 1836, tendo sido comprado pelo Governo do Estado com a finalidade de se tornar museu em 1967. Com dois pavimentos bem distribuídos e um jardim recheado de plantas e pequenos monumentos, a construção ficou marcada historicamente pelo assassinato de duas crianças negras escravizadas pela baronesa Anna Rosa de Grajaú, em 1876.

Conhecido como "crime da baronesa"⁸, o caso marcou uma das primeiras aberturas de inquérito contra uma mulher branca da elite no Brasil. A baronesa assassinou Inocêncio, uma criança de oito anos que havia sido comprada para ser escravizada. Apesar do movimento político para que a baronesa fosse responsabilizada pelo ato chocante, ela foi inocentada.

A história da baronesa está intrinsecamente ligada às energias sentidas no casarão. É como se ela permanecesse atormentada em sua própria casa pelas maldades que cometeu, de alguma forma aprisionada no tempo. A casa é dividida em duas áreas internas: uma de dois pavimentos, onde estão expostos móveis, pinturas e objetos, e um jardim aberto. Em frente a ele, está o sobrado onde ocorreu o trágico assassinato, mantido fechado. Há também uma área aberta com um poço e portas de madeira que levavam às antigas senzalas, formando uma estrutura com áreas de convivência bem delimitadas, que separavam os escravocratas dos escravizados.

Acompanhei chegadas e partidas de equipes da vigilância no museu. Em 2018, um grupo de quatro vigilantes diurnos e noturnos, em circunstâncias diferentes, havia relatado experiências com a visagem olfativa do sobrado. Caio descrevia uma fragrância de cravo; Amaro, um de seus



Imagem 2 – Poço no Museu Histórico e Artístico do Maranhão. Foto: Autora (2023).

Para todos verem: Dois prédio com arquitetura antiga separados por um com um poço ao meio.

⁸ Há uma publicação com os autos do processo contra a baronesa. Vale ressaltar que, em publicação recente, historiadores trouxeram uma análise apurada a partir da figura de Geminiana, mãe do garoto assassinado, com intuito de refletir sobre maternidade e escravidão no Maranhão oitocentista (Machado, 2024). Nos registros históricos, a baronesa é descrita como uma mulher sádica no trato com seus escravizados; além do assassinato de Inocêncio a garfadas, ela havia mandado arrancar todos os dentes de uma escravizada que havia sorrido para o seu marido.

colegas, falava no cheiro de lírios; Dionísio, um antigo vigilante que passou por lá pouco antes de se aposentar, explicava: o cheiro nada mais era que um produto de limpeza com fragrância de rosas. O "cheiro do perfume da baronesa", como apelidaram a manifestação da visagem, tinha fundamento em um dos gostos da baronesa: há registros de que a aristocrata costumava encomendar fragrâncias de perfume de fora do país e era entusiasta de plantas aromáticas. Amaro me contou que foi entendendo como circular pelo casarão em seus turnos. Ele mantinha-se ao ar livre, pois se sentia mais confortável passando a noite na área externa do que dentro do casarão. Isso porque, certa madrugada, por volta das três e meia, ele sentiu um cheiro forte que parecia exalar para todas as salas. Quanto mais ele respirava, mais sentia o corpo gelar.

Em 2022, conheci um novo grupo de vigilantes, formado por mulheres. Valéria, uma das vigilantes diurnas, me contou que, assim que começou a vigiar o museu, sentiu uma presença estranha. Ela me disse que, em sua primeira semana, foi empurrada na entrada do museu, onde há um pequeno degrau. Ela estava saindo quando foi empurrada com força e caiu. Ela simulou a cena enquanto conversávamos: ao caminhar, ela viu o degrau e percebeu que não se tratava de um tropeço; sentiu duas mãos empurrarem suas costas e machucou o tornozelo. Passou alguns dias medicada e com movimentos limitados. A vigilante acredita que houve algum tipo de "resistência" à sua chegada: "Me senti repelida por ser uma presença nova aqui", completou. Valéria disse que nunca havia entrado no MHAM antes de começar a trabalhar lá e descreveu como o próprio casarão a fez refletir sobre como era a vida naquela época: "Você vai andando e rangendo o chão... Os quadros parecem fantasmas. Sente-se que os moradores estão lá. É pesado". Nos últimos dois anos, também foram vistas duas aparições no casarão: um dos antigos moradores, que tem um quadro com seu rosto exposto, foi visto andando no segundo pavimento da casa; e um homem negro de meia-idade, com as mãos acorrentadas, foi visto atravessando uma das paredes, como se estivesse entrando no sobrado da antiga baronesa.

A permanência das visagens do MHAM remete a configurações sociais e raciais familiares aos tempos atuais. Pode-se pensar na presença da Baronesa, uma mulher branca isenta de culpa por tirar a vida de uma criança negra, como uma marca da violência colonial. Algumas partes do casarão são como marcas de memórias conturbadas que reverberam nas narrativas sobre as visagens: o poço na área externa (figura 2), as pedrarias grossas, os formatos em arco, a disposição das áreas internas e externas são visualidades performativas de poder e assimetria entre negros e brancos ou escravocratas e escravizados. Esses elementos estão presentes nas manifestações sensoriais e na elaboração feita por quem vigia o casarão — os vigilantes investem em uma comunicação constante sobre as visagens, contam e recontam histórias, escutam e questionam sobre a história da casa, criando, assim, um acervo de conhecimentos sobre o que entendem por elas.

De certa forma, pode-se dizer que os vigilantes corroboram os materiais históricos e literários e os ampliam ao conectá-los com suas vivências cotidianas. Eles aprendem os espaços da casa e criam táticas de cuidado consigo mesmos e com os outros: carregam amuletos, fazem orações, pedem "com licença" às visagens ou dirigem a palavra a elas,

alertam seus colegas, estabelecem critérios e concessões sobre onde podem ou não estar na casa, a partir do que as visagens comunicam a seus corpos.

4. PARA PENSAR UM LUGAR VISAGEIRO

Após ouvir as experiências dos zeladores com as visagens, Francisco disse que gostaria de testar minha sensibilidade. Ele afirmou não acreditar nas visagens, mas disse saber onde as pessoas sentiam suas presenças. Então, conduziu-me até a "parte esquisita do casarão". O local ficava no mesmo andar em que estávamos. Ele abriu uma cortina preta entre os grandes arcos, revelando um salão. As paredes grossas formavam um arco arredondado, como um túnel. Havia muitos espelhos na sala, o que me causou incômodo visual junto à textura aparente e irregular da construção. Perguntei a eles por que havia tantos espelhos e me responderam que a intenção era que a sala despertasse sensações ao som do Tambor de Crioula, mas que ela estava isolada por causa de infiltrações causadas pela chuva.

Na sala dos espelhos, Francisco tentou me convencer de que não acreditava nem sentia nada a respeito das presenças mencionadas pelos zeladores. Ele, que trabalha com a administração e a informatização de vários museus, apresentou uma "versão da realidade" para cada fenômeno. As portas que se abrem sozinhas ou os passos no chão não passariam de reflexos dos ventos, e as aparições seriam uma "impressão" dos próprios olhos, movidos pelas tantas histórias que circulam no local. "Quem é sensível ou medroso ouve essas coisas", concluiu ele. Ao mesmo tempo, ele se ocupou em me provar as "reais" razões desses eventos: as luzes que piscavam ou acendiam sozinhas eram fruto de instalações elétricas instáveis; os barulhos que pareciam sussurros podiam ser pombos nos telhados ou ratazanas à procura de alimento; os ventos que moviam coisas, arrepiavam a pele e assustavam as pessoas eram naturais, oriundos da proximidade com a baía e do fluxo da maré. Ao sairmos, ele exclamou, frustrado, que, se eu fosse sensível, teria me arrepiado ao entrarmos na sala e teria as respostas para o seu teste.

Inspirada em Seu Moraes, um vigilante de longa data que conheci no Museu de Arte Sacra⁹, tenho elaborado a noção de lugar visageiro. São os lugares em que as visagens estão propícias a habitar — locais escuros, pouco utilizados e que possuem relação com outras vidas e mortes. É como se, nesses lugares, as visagens fossem reminiscências ligadas a outras temporalidades que insistentemente permaneceram no local. Apesar de as visagens se manifestarem por meio de ações repletas de movimentos (como pisar, bater e derrubar), elas parecem residir em um perímetro materialmente inscrito, ou seja, em um lugar próprio que, nas palavras do guarda, "não se acaba nunca" e "não permite mudanças significativas". Daniel Miller (2013), em suas análises sobre os processos de acomodação com a cultura material, sugere que os humanos são como "chegantes" (*arrivants*) nas casas longevas, comumente associadas a assombrações. Enquanto os moradores são transitórios e

⁹ O Museu de Arte Sacra está instalado em parte da Catedral Metropolitana de São Luís, que é dedicada à Nossa Senhora da Vitória, protetora dos portugueses na Batalha de Guaxenduba — batalha ocorrida contra os franceses para o domínio de São Luís. Na perspectiva de meu interlocutor, a composição de um museu dentro de uma igreja que possui corpos sepultados faz do museu um lugar visageiro. Mais informações sobre o museu em: <https://arquislz.org.br/historia/>.

conservadores dessas casas para o futuro, os fantasmas permanecem nelas ao longo do tempo; em suma, as casas também estabelecem relações de acomodação com suas presenças.

Corroboro com a ideia de que os lugares são as maiores testemunhas das próprias visagens, e os espaços são sobreviventes do tempo. Em São Luís, eles assistiram a diferentes configurações sociais: as pedras que formam o chão testemunharam uma cidade ser erguida com mão de obra escravizada; os casarões, construídos para serem casas de uma elite aristocrata, tornaram-se hotéis, pousadas e instituições. Ao buscar conectar lugares, histórias e temporalidades, penso os lugares visageiros como vivos e espectrais: "Os lugares são simultaneamente vivos e espectrais, contendo a experiência do momento atual, bem como as muitas vezes que aconteceram e se tornaram silenciosas — embora não necessariamente imperceptíveis — para o presente" (Pilar Blanco; Peeren, 2013, p. 395, tradução minha).

Ao longo desses nove anos de pesquisa, entre mestrado e doutorado, fui conduzida por meus interlocutores a quase todo tipo de compartimento nos casarões do Centro Histórico de São Luís para ser testada: poços nos quintais ou escondidos, salas nos subterrâneos, corredores sem final e subsolos desnivelados foram alguns deles. A cena que narrei acima aconteceu no antigo prédio do Museu Casa do Maranhão, localizado na Rua do Trapiche. Curiosamente, meu guia para o teste de sensibilidade às visagens, mesmo dizendo não acreditar nelas, as conhecia: sabia onde se manifestavam, como agiam e como, supostamente, não "existiam". A proposta de ser conduzida para onde as visagens costumam se manifestar soava, para mim, como um convite para mudar minha relação com elas: não mais como ouvinte das experiências dos outros, mas como alguém que sente sua presença com o próprio corpo e se torna testemunha.

Para muitos, as visagens não passam de "impressões" de quem as sente, estimulado pelas tantas histórias a seu respeito. No entanto, independentemente dos regimes de verdade, elas provocam questionamentos e efeitos sobre o passado da cidade, deslocando concepções ocidentais de tempo e espaço. Da mesma forma, elas questionam a própria racionalidade entre as noções de "real" e "irreal"; de qualquer maneira, elas interditam, provocam e incitam comportamentos a partir dessas noções. Com frequência, os vigilantes queriam me apresentar alguém que pudesse confirmar suas experiências, mesmo eu nunca tendo pedido ou duvidado delas. Havia uma preocupação em fornecer materialidade à verdade: apresentar outro colega que já tivesse tido experiências semelhantes, tentar filmar as visagens, recomendar fontes e leituras que oferecessem dados históricos traumáticos de um lugar ou me conduzir até onde um evento ocorreu, reconstituindo a situação com detalhes. As visagens conferem a meus interlocutores um lugar que dificilmente lhes seria dado. Refiro-me à maioria dos vigilantes que fazem turnos entre doze a vinte e quatro horas; que são funcionários terceirizados vinculados às secretarias, o que faz com que troquem de posto de trabalho com certa frequência; que são pessoas racializadas que nunca haviam ido ao museu que vigiam antes de trabalhar nele. Conhecer bem as visagens os torna protagonistas de um saber sobre os casarões inalcançável pelas instituições

museais que os abrigam; acumular histórias das visagens os torna conhecedores de um patrimônio insubmisso.

REFERÊNCIAS

BLANES, Ruy; ESPÍRITO SANTO, Diana. Introduction: on the agency of intangible. In: BLANES, Ruy; ESPÍRITO SANTO, Diana (org.). **The Social Life of Spirits**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 2014. p. 01-32.

FERRETTI, Sérgio. **Querebentan de Zomadonu**: uma etnografia da Casa das Minas. São Luís: EDUFMA, 1985. 324 p.

GLEASON, Judith. **Agontimé e sua lenda**: rainha na África, mãe de santo no Maranhão. Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. Organização por Carlos Eugênio Marcondes de Moura e Henrique Borralho. São Luís: Editora UEMA; Pitomba Discos, 2022.

GONÇALVES, Gabriela Lages. **Quem vigia o casarão?** Uma análise sobre a convivência entre vigilantes e seres intangíveis nos casarões de São Luís. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

_____. Entre Visagens e Casarões: Considerações sobre formas de vulnerabilidade a partir dos vigilantes do Centro Histórico de São Luís. **Campos - Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 122–133, 2019a. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/65030>. Acesso em: 6 nov. 2025.

_____. Sobre as formas de sentir o vento ou ficções criativas: notas sobre relações entre vigilantes, casarões e seres intangíveis em São Luís. **Ponto Urbe** [Online], 31 | 2023, posto online no dia 25 julho 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/14778>. Acesso em: 06 nov. 2025.

GUIMARÃES, Roberta Sampaio; CASTRO, João Paulo Macedo; MARQUES, Roberto. Apresentação: Memórias ambíguas: modulações narrativas e gestão do passado. **Antropolítica - Revista Contemporânea de Antropologia**, [S. l.], v. 57, n. 1, 2025. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/68407>. Acesso em: 6 nov. 2025.

MACHADO, Maria Helena P. T.; CARDOSO, Antônio Alexandre Isidio. **Geminiana e seus filhos** [recurso eletrônico]: escravidão, maternidade e morte no Brasil do século XIX. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2024.

MORAES, Jomar. **Ana Jansen, a rainha do Maranhão**. 4. ed. São Luís: Editora AML, 2012.

MOURA MELO, Marcelo. Entidades espirituais: materializações, histórias e os índices de suas presenças. **Etnográfica**, v. 20, n. 1, p. 211-225, 2016.

MILLER, Daniel. Casas e teorias da acomodação. In: MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 120-163.

PILAR BLANCO, M.; PEEREN, E. Introduction: Conceptualizing Spectralities. In: PILAR BLANCO, María del Pilar; PEEREN, Esther (ed.). **The spectralities reader: ghosts and haunting in contemporary cultural theory**. London: Bloomsbury Academic, 2013.

SHARPE, Cristina. **No vestígio**: negridade e existência. São Luís: Ubu Editora, 2023.

TORRES, Aline. A casa e os altares. **Etnográfica**, v. 24, n. 2, p. 371-380, 2020.

VALE ROCHA, Abigail. **Transformações e usos do Patrimônio no Centro Histórico de São Luís, Maranhão**. 2025. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025. 151 p.

Recebido em 10 de setembro de 2025

Aceito em 08 de janeiro de 2026